



---

## O CARNAVAL DE RUA E A NOVA FRONTEIRA URBANA DE ACUMULAÇÃO NO RIO DE JANEIRO: TECENDO DIÁLOGOS ENTRE A OPERAÇÃO URBANA CONSORCIADA PORTO MARAVILHA E A FOLIA MOMESCA NA ZONA PORTUÁRIA CARIOCA

**Alexandro Souza de Amico<sup>1</sup>**

Professor Contratado do Departamento de Geografia da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FEBF)

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo discutir como a Zona Portuária do Rio de Janeiro foi transformada em uma fronteira urbana de acumulação do grande capital e as relações desta conjuntura com o carnaval de rua local. Para tal, traçamos uma análise da Operação Urbana Consorciada Porto Maravilha e debatemos alguns de seus desdobramentos como, por exemplo, a chegada de empresas com características distintas das dos negócios locais. Dentre outros pontos e autores(as), fundamentamos o nosso arsenal teórico-metodológico na noção de fronteira urbana do geógrafo Neil Smith. Dessa maneira, além do levantamento bibliográfico, realizamos o exame de documentos oficiais, pesquisas em reportagens jornalísticas, além de trabalhos de campo e entrevistas com diversos atores sociais. Com as entrevistas, levantamos, por exemplo, as variações do preço do metro quadrado no local e o perfil espacial médio dos frequentadores de blocos de carnaval. Posto isto, foi possível constatar o exponencial aumento do preço do metro quadrado, a chegada de grandes empresas e frequentadores com perfil espacial distinto dos moradores.

**Palavras-chave:** blocos de carnaval, fronteira urbana, Porto Maravilha.

THE STREET CARNIVAL AND THE NEW URBAN BORDER OF ACCUMULATION IN RIO DE  
JANEIRO: WEAVING DIALOGUES BETWEEN THE CONSORTIATED URBAN OPERATION  
PORTO MARAVILHA AND THE MOMESCA FOLIAGE IN THE CARIOCA PORT AREA

**Abstract:** This article aims to discuss how the Port Zone of Rio de Janeiro was transformed into an urban frontier for the accumulation of big capital and the relations of this conjuncture with the local street carnival. To this end, we traced an analysis of the Porto Maravilha Consortium Urban Operation and discussed some of its developments, such as the arrival of companies with

---

<sup>1</sup>Professor Contratado do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FEBF) Mediador a Distância da Graduação em Geografia do CEDERJ-UERJ Coordenador e Professor de Geografia do Só Cria- Pré-vestibular Popular da Rocinha. E-mail: alexdeamico@hotmail.com.

different characteristics from those of local businesses. Among other points and authors, we base our theoretical-methodological arsenal on the notion of urban frontier by geographer Neil Smith. In this way, in addition to the bibliographic survey, we carried out an examination of official documents, research in journalistic reports, as well as fieldwork and interviews with various social actors. With the interviews, we raised, for example, the variations in the price of the square meter in the place and the average spatial profile of the carnival block goers. That said, it was possible to verify the exponential increase in the price of the square meter, the arrival of large companies and regulars with a distinct spatial profile from the residents.

**Key-words:** carnival blocks, urban frontier, Porto Maravilha.

## Introdução

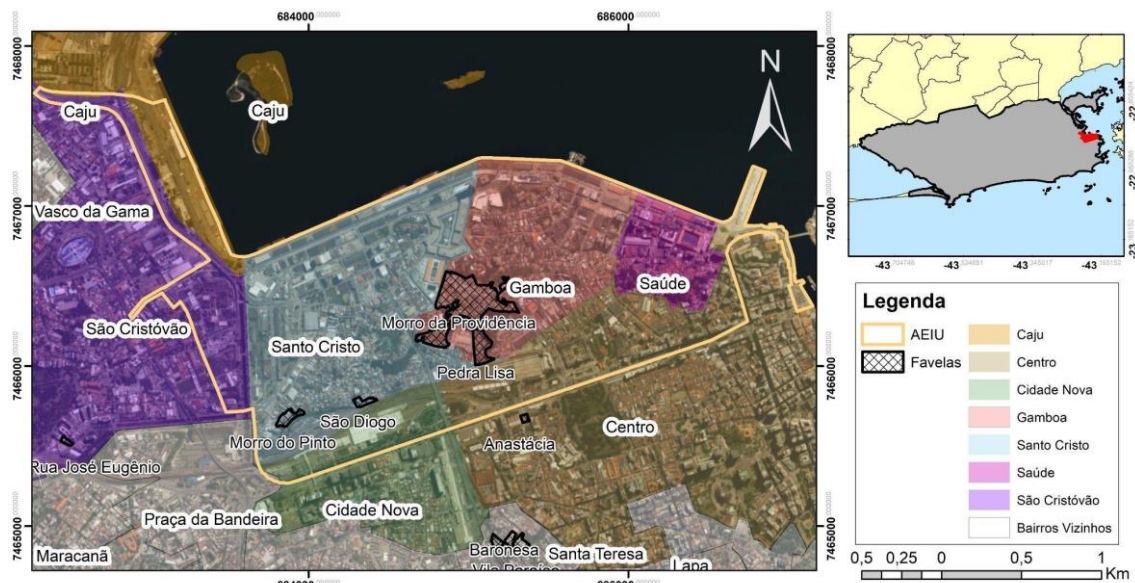
No Rio de Janeiro, uma Operação Urbana Consorciada (OUC), na Zona Portuária da cidade, foi lançada em 2009. Intitulada “Porto Maravilha”, e com uma área de mais de cinco milhões de metros quadrados vizinha ao distrito central de negócios da cidade, a OUC em questão contou com as articulações políticas e econômicas que faltaram a projetos anteriores<sup>2</sup>. Tendo em vista o tamanho da área de abrangência da Operação, nesse artigo, voltamos nossos esforços para o exame de três bairros que têm os seus espaços totalmente inseridos nos limites da OUC e, conseqüentemente, acabam passando por maiores impactos. Os bairros em questão são: Saúde, Gamboa e Santo Cristo. Abaixo, o Mapa 1 apresenta o perímetro da OUC, os bairros que a compõem e o seu entorno:

### Mapa 1

Área de Especial Interesse Urbanístico (AEIU) do Porto Maravilha

---

<sup>2</sup> Para mais sobre projetos anteriores para a área, consulte-se, dentre outros, Vainer (2013).



Fonte: elaboração própria.

Nesse ínterim, segundo Monié e Da Silva (2015), a competição por investimentos e atração de fluxos de turistas, grandes eventos, mercadorias, executivos etc entre as cidades que são administradas como empresas alçou as reestruturações de zonas portuárias a um novo patamar. Por seu turno, Rabha (1984), em sua dissertação de mestrado, já expunha como o sentido político do trecho da área central denominado zona periférica do centro fica nítido quando o Estado enxerga estas zonas como “deterioradas” para implementar os programas de “renovação” urbana. A autora dá prosseguimento em sua argumentação e aponta como há:

Programas que se voltam à total **substituição de funções e populações destas áreas** (...) dirigindo a reprodução da pobreza para trechos mais distantes e não tão visíveis, ao mesmo tempo que acontece a **reprodução do valor do solo da área próxima ao centro**. (RABHA, 1984, p.1. Destaques nossos.)

Visto isso, sinalizamos que o nosso objetivo é o de investigar como o Porto Carioca vem sendo transformado em uma nova fronteira urbana de acumulação para o grande capital. Outrossim, buscamos examinar como o carnaval de rua da área também passa por intensas transformações na esteira do processo supracitado. Nesse sentido, empreendemos desvendar a chegada de empresas e frequentadores com perfis diferentes daqueles locais.

Para cumprir tal empreitada, mobilizamos autoras(es) e categorias que nos permitiram tornar o nosso objetivo inteligível frente à ciência geográfica. Buscando ilustrar o exposto, ressaltamos duas contribuições que estruturam a nossa investigação: a primeira diz respeito à noção de fronteira urbana de acumulação, debatida pelo geógrafo Neil Smith. Foi através do pensamento deste autor, juntamente ao levantamento empírico, que conseguimos caracterizar o Porto como uma nova área de acumulação. A segunda corresponde às concepções do historiador Micael Herschmann. Por meio de seus escritos, aliado também ao exame do real, pudemos apontar a Zona Portuária como uma área de chegada de blocos e foliões oriundos da classe média. Assim, construímos um arcabouço que articulou a análise da Zona Portuária Carioca como uma área de chegada de grandes empresas e frequentadores de classe média, estes, no caso em questão, durante o período do carnaval.

Como forma de operacionalizar o nosso estudo, além do levantamento bibliográfico, escrutinamos os Planos Estratégicos da cidade que falam sobre a OUC, analisamos reportagens jornalísticas que abordam o tema em tela, esmiuçamos materiais do Porto Maravilha relativos aos empreendimentos cadastrados junto à administração da OUC, realizamos entrevistas com atores sociais hegemônicos, como empreiteiras e imobiliárias, além de foliões (durante os trabalhos de campo). Os trabalhos de campo foram realizados durante os quatro dias da folia, abrangendo os três bairros de estudo, durante os períodos da manhã, da tarde e da noite. Os locais foram previamente selecionados tendo em vista o maior ou menor grau de avanço das obras da OUC. Ao longo desse processo, foram realizadas cerca de 550 entrevistas com foliões, no intuito de traçar um perfil espacial médio desses frequentadores.

Ademais, realizamos o levantamento de cerca de 50 blocos de fora da Zona Portuária, mas que realizaram algum tipo de evento no Porto. O levantamento foi realizado durante os meses de janeiro e fevereiro e não somente durante os tradicionais quatro dias de folia (em 2020, a própria Prefeitura contou com 50 dias oficiais de carnaval). Cabe ressaltar que, houve

grande dificuldade em realizar tal levantamento, devido ao fato de a maior parte dos blocos serem considerados como “não oficiais” pela Prefeitura e, assim, não constarem nos registros da Riotur<sup>3</sup>. Posto isto, a metodologia do levantamento consistiu em acompanhar as redes sociais de diversos blocos, páginas em redes sociais e sites ligados à Zona Portuária, sites que divulgam eventos pela cidade, grupos de *Whatsapp* sobre o carnaval, o “boca a boca” de pessoas do meio carnavalesco e visitas periódicas ao Porto.

Nesse momento, cabe um destaque à estrutura textual de nosso artigo: além desta Introdução e das Considerações Finais, o texto está dividido em duas grandes seções: a primeira versa sobre a estrutura da OUC Porto Maravilha e a sua transformação em uma nova fronteira urbana de acumulação do grande capital. Já a segunda parte conta com a discussão de como o carnaval de rua da área sofreu impactos derivados da OUC, configurando-se como uma “nova fronteira” para blocos e foliões oriundos de classes diferentes das dos locais.

Isto posto, podemos apontar que o Porto Carioca tem sido transformado em uma fronteira urbana de acumulação e, naquilo que tange ao carnaval de rua, constatamos, dentre outros aspectos, a chegada de blocos e foliões oriundos da classe média, que estão indo para a área na esteira dos processos da OUC Porto Maravilha.

### **A Operação Urbana Consorciada Porto Maravilha e a construção de uma nova fronteira urbana de acumulação do grande capital no Rio de Janeiro**

A OUC Porto Maravilha foi instaurada a partir da Lei Complementar 101, de 23 de novembro de 2009 e aparece com destaque no “Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro [PECRJ] (2009-2012): o Rio mais integrado e competitivo”. Neste Documento, há um diagnóstico da situação da Zona Portuária à época. Vejamos, então, a referida análise do Poder Público:

---

<sup>3</sup> A Riotur é a Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro e cuida da parte turística do Município. Aqui, não iremos nos alongar na discussão, contudo, cabe ressaltar que, o fato de o carnaval estar ligado à Riotur e não à Secretaria de Cultura nos fornece algumas pistas de como o carnaval é pensado pelo Poder Público Municipal.

A região portuária da cidade do Rio de Janeiro encontra-se em estado de grande degradação, com abandono de prédios e ruas e com espaços públicos praticamente sem uso pela população e pelos turistas. A exemplo do que acontece em regiões portuárias de outras cidades do mundo, a revitalização da zona portuária do Rio de Janeiro apresenta um grande potencial econômico, turístico e social para a região. (PECRJ, 2009-2012, p. 93)

No mesmo Documento, a Prefeitura descreve brevemente a sua pretensão com a OUC Porto Maravilha:

O programa consiste na implantação de obras de infraestrutura e articulação com a iniciativa privada e governos estadual e federal de forma a promover uma completa revitalização (econômica, social, ambiental e cultural) da região portuária do Rio de Janeiro (bairros da Saúde, Gamboa, Santo Cristo e parte dos bairros do Caju, São Cristóvão e Centro) criando espaços de arte, cultura, entretenimento, educação e habitação. (PECRJ, 2009-2012, p. 93)

A Prefeitura, através do Plano Estratégico (PECRJ, 2009-2012, p. 93), também apresenta os resultados esperados com a OUC Porto Maravilha: “Revitalização da área com a melhoria na condição de vida local, conseqüente atração de novos moradores e empresas para a região, além da restauração do patrimônio histórico e cultural e incremento do turismo na região”. Os resultados esperados no Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro de 2013 a 2016 (PECRJ, 2013-2016) são praticamente idênticos. Assim, para ambos, nota-se a ambição de levar novos moradores e empresas para a área, além de modificações no patrimônio histórico e cultural com o objetivo de aumentar o turismo. No Plano de 2013-2016, o Poder Municipal versa sobre a “descrição da iniciativa estratégica” para o Porto. Na mencionada descrição, consta o seguinte:

Apesar de sua localização estratégica e grande relevância histórica, a Região Portuária da Cidade do Rio de Janeiro encontrava-se em estado de grande degradação, com abandono ou subutilização de espaços públicos e imóveis públicos e privados. Para reverter esta situação, a Prefeitura do Rio criou uma Operação Urbana Consorciada da Região do Porto do Rio de Janeiro, conhecida como Porto Maravilha, para resgatar todo seu potencial social, econômico, cultural e turístico. (PECRJ, 2013-2016, p. 60)

Dentro da lógica vista acima, a de uma cidade estrategicamente planejada, é possível encontrar algumas ferramentas pelas quais o Estado, juntamente a setores do grande capital, como o imobiliário, estrutura(m) as suas ações. Dentre elas, podemos destacar os chamados megaeventos. De acordo com um dos maiores estudiosos da temática, o geógrafo Gilmar Mascarenhas, tais eventos, concomitantemente “em que atraem recursos e investimentos,

mobilizam capital simbólico e geram focos de resistência social” (MASCARENHAS, 2014, p. 54). No escrito de Mascarenhas (2014) enxergamos uma imbricação com a nossa pesquisa, vista a capacidade de mobilização de capital simbólico para esses eventos. Por exemplo, como veremos mais abaixo, os cinco primeiros anos com a maior porcentagem de foliões que frequentaram blocos na Zona Portuária pela primeira vez encontram-se de 2016 (ano dos Jogos Olímpicos) até o último carnaval de rua realizado com o aval do Poder Público (2020). Além disso, o chamado Boulevard Olímpico (trecho do Porto densamente reestruturado para as Olimpíadas) abrigou a abertura oficial do carnaval de rua, do ano de 2012 até o de 2016. A abertura atrai grande atenção midiática. Assim, acreditamos que a escolha do local tenha uma íntima relação entre a reestruturação da Zona Portuária e a realização dos megaeventos na cidade do Rio de Janeiro.

Nessa direção, como bem ressalta Da Costa Cardoso (2013), não é necessário um grande esforço de investigação documental para chegar a algumas conclusões sobre a imbricação da OUC Porto Maravilha com as Olimpíadas Rio 2016. Dessa maneira, realizamos mais uma investida no exame dos Planos Estratégicos da Cidade do Rio de Janeiro. O PECRJ (2017-2020), por exemplo, na gestão do ex-Prefeito Marcelo Crivella, descreve a situação da época e aponta algumas iniciativas para melhoria. Assim sendo, é apontado como os megaeventos (Copa do Mundo de Futebol Masculino e Olimpíadas) foram “responsáveis por dobrar sua capacidade hoteleira, [e] torna-se necessário executar um trabalho de promoção contínua do destino Rio de Janeiro, com o objetivo de manter e aumentar o fluxo de turistas” (PECRJ, 2017-2020, p. 56). O documento segue (p. 56) e diz que o Rio já possui uma “excelente infraestrutura turística”, cita os “novos” equipamentos culturais (Museu de Arte do Rio, Boulevard Olímpico, Museu do Amanhã, AquaRio) e uma “intensa programação cultural e artística”.

O plano de 2017-2020 apresenta também a ideia de utilizar-se da cultura característica das ruas do Rio de Janeiro, juntamente ao que chama de uma “tradição erudita”: “Somos inventores e promotores de tribos e talentos, na

fronteira sutil que separa as práticas alternativas da indústria cultural reconhecida. Sabemos como ninguém mesclar a tradição erudita à criatividade popular” (PECRJ, 2017-2020, p. 21). Para atrair mais turistas nacionais e estrangeiros, o documento avalia como necessário, dentre outros pontos, a “manutenção do tradicional apoio financeiro às escolas de samba e suporte aos blocos de rua, além de ações para facilitar a captação de recursos pelo caderno de encargos” (PECRJ, 2017-2020, p. 56). No documento de 2009-2012 (p. 141), há uma parte reservada para o que a Prefeitura chama de “cultura de rua”. Para a situação da época, o Poder Público ressaltou que a cidade e os nativos possuíam uma “natural vocação” para ocupar ruas, praças e desenvolver atividades culturais ao ar livre. Além disso, a escolha da cidade como sede das Olimpíadas de 2016 é apontada como uma oportunidade ímpar para “incorporar a prática cultural no cotidiano carioca.”

Visto isto, na atual quadra da discussão, julgamos ser necessário trazer ao debate a noção de “fronteira urbana”. No que tange à questão, podemos sinalizar que este sempre foi um tema caro à Geografia. Quando pensamos geograficamente a respeito delas, via de regra, lembramos dos mapas de pequena escala cartográfica que delimitam essas linhas imaginárias dos países ao redor do globo. Refletindo sobre a escala das cidades, institucionalmente, temos limites entre os municípios, e não fronteiras. Trazendo a questão para a escala intraurbana, na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, o Instituto Pereira Passos (IPP), órgão que trabalha as informações geográficas do Município, utiliza o termo limite para delimitar as áreas dos bairros. Desta forma, como podemos falar em “fronteira urbana”? É essa e algumas outras indagações que pretendemos elucidar nesse momento.

A “conquista” de certas áreas consideradas “hostis”, “perigosas” e com pessoas “não civilizadas” dentro das cidades, representa, segundo Smith (1996, 2007), não só grandes lucros ao capital, mas também a construção de um orgulho cívico, ou um “patriotismo de cidade”, como aponta Vainer (2013), para a classe média local. Tais proposições ganham maior sustentação quando observamos que a ideia de uma nova fronteira urbana gera otimismo aos atores



hegemônicos da produção do espaço urbano. A área estigmatizada, que antes era vista como “decadente”, “sem vida”, “cinza”, “perigosa”, passa a representar uma espécie de nova fronteira urbana quando iniciada a reestruturação urbana local.

Ainda de acordo com Smith (1996), o significado social das grandes intervenções em áreas centrais está cada vez mais associado à noção de fronteira urbana e aos “pioneiros urbanos”. Uma forte ideologia é construída para que este grupo, geralmente a burguesia imobiliária, passe a ser visto como legítimos “heróis”. Mas por que heróis? A imagem construída é de que a decisão de investir nas áreas estigmatizadas seria um ato extremamente corajoso. Como veremos ao longo do artigo, não há nada de “corajoso” nesse movimento. Na verdade, é tudo friamente calculado.

A fim de estabelecer relações para construir o entendimento dessa assertiva, vejamos um exemplo: no trabalho de 1996, Neil Smith discorre sobre como os jornais costumam exaltar tal “coragem”. Tendo o estudo de Smith (1996) como impulso, analisamos uma reportagem do jornal carioca O Globo, um dos maiores investidores privados da OUC Porto Maravilha<sup>4</sup>. No jornal, encontramos uma reportagem do dia 28 de julho de 2018<sup>5</sup> com o seguinte título: “Os Pioneiros”. Emblemático, não? Pois é, e não para por aí. A matéria foi escrita pelo arquiteto e urbanista Washington Fajardo. Fajardo foi assessor direto de Eduardo Paes para assuntos urbanísticos nas duas últimas gestões do Prefeito do Rio de Janeiro. No atual mandato de Paes, Fajardo estava lotado na Secretaria de Planejamento Urbano do Município, contudo, em agosto de 2022, o arquiteto e urbanista deixou o cargo<sup>6</sup>. Quando ainda no exercício de suas funções, após críticas à decisão da Caixa Econômica Federal de não transferir as suas atividades para a área da OUC, o ex-secretário afirmou categoricamente

---

<sup>4</sup>FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes-2016/2016/11/1830586-disputa-entre-crivella-e-globo-pode-afetar-parcerias-no-rio.shtml>>. Acesso em: 23 de julho de 2020.

<sup>5</sup> O GLOBO. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/os-pioneiros-22927942>>. Acesso em: 07 de abril de 2021.

<sup>6</sup>O GLOBO. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2022/08/arquiteto-washington-fajardo-deixa-secretaria-de-planejamento-urbano-da-prefeitura-do-rio.ghtml>>. Acesso em: 22 de agosto de 2022.

que “o desafio do Porto do Rio responde por um nome específico, conhecido como ‘os pioneiros’”. Como uma das sugestões para atrair tais pioneiros, Fajardo propõe a apropriação da cultura negra local. Segundo Fajardo, a ideia é “cuidar com zelo da **marca cultural**<sup>7</sup> Porto Maravilha”. Desse modo, exemplificando aquilo que Harvey (2005) diz acerca das singularidades culturais de um local serem dotadas de grande capacidade de atração do capital, Fajardo sugere utilizar-se do “singular e precioso valor da cultura negra da área”<sup>8</sup> como forma de atração de investidores.

Já no final da matéria, diz-se que “sem os primeiros, os pioneiros, não haverá os segundos, os terceiros, os quartos...”. Ora, como assim pioneiros? Segundo o Censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a área que compreende a OUC Porto Maravilha possuía, à época, cerca de 30 mil residentes. Será que é possível mesmo falar em “pioneiros”? Pensamos que não. Nesse sentido, Smith (1996) dialoga com o exposto quando descreve que a ideia da fronteira urbana trata a área em questão como se ainda não tivesse sido habitada socialmente. Assim, a classe trabalhadora é vista como menos do que social, menos do que “civilizada”. Ou seja, algo que pode ser facilmente “removido”.

Dentro dessa perspectiva, segundo Teixeira (2018), contabilizando somente as remoções exercidas nas ocupações da área, mais de 400 famílias foram expulsas compulsoriamente da Zona Portuária em decorrência da OUC. De acordo com Faulhaber e Azevedo (2015), entre 2009 e 2015, mais de 80 mil pessoas foram removidas na cidade do Rio de Janeiro. Só na favela da Providência, que faz parte do perímetro da OUC Porto Maravilha, foram mais de 140 famílias removidas (FAULHABER, AZEVEDO, 2015). Mariana Werneck, pesquisadora da temática, afirmou (informação verbal)<sup>9</sup>, em 2019, que cerca de

---

<sup>7</sup> Este é um destaque nosso, pois acreditamos ser bastante sintomática a abordagem da cultura local como uma “marca”.

<sup>8</sup> O GLOBO. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/os-pioneiros-22927942>>. Acesso em: 07 de abril de 2021.

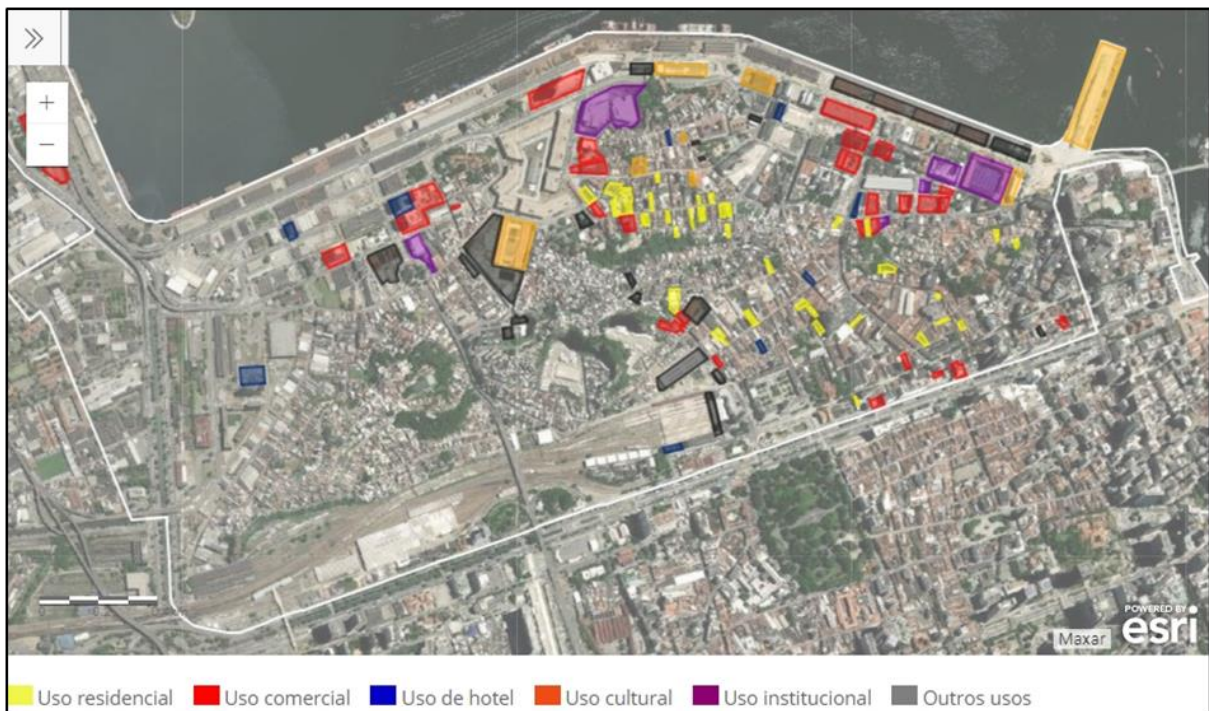
<sup>9</sup> A afirmação foi realizada durante o evento “Porto Maravilha 10 anos: passado presente e futuro da Zona Portuária”. O evento aconteceu entre os dias 23 e 26 de outubro de 2019, no prédio que abriga o Museu da História e da Cultura Afro-brasileira (Muhcab), localizado na Gamboa.

cinco mil pessoas foram removidas da área do Porto. Na oportunidade, a autora ressaltou a falta de fontes oficiais e apontou que os dados foram levantados junto ao Fórum Comunitário do Porto, ao Comitê da Copa e das Olimpíadas e à Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ). Acreditamos que, nesse momento, já seja possível ter uma noção da magnitude dos processos em curso na Zona Portuária e os seus impactos na população local.

De acordo com o Prefeito Eduardo Paes, “um dos maiores desafios [para a OUC] é a atração de investimentos” (Revista Porto Maravilha, 2012, n.9, p.6). Aliado às remoções, a chegada de novas (grandes) empresas visa a transformação das formas, das funções e do perfil dos frequentadores da Zona Portuária. Abaixo, podemos observar a Figura 1, retirada do sítio eletrônico do Porto Maravilha, em que vemos a disposição geográfica dos empreendimentos, em 2020.

**Figura 1**

“Mapa” com a distribuição dos empreendimentos na Zona Portuária do Rio de Janeiro, em 2020



Fonte: Sítio eletrônico do Porto Maravilha. Disponível em:  
<[https://portomaravilha.com.br/empreendimentos\\_porto](https://portomaravilha.com.br/empreendimentos_porto)>. Acesso em: 24 de janeiro de 2020.

A partir da análise de cada polígono disponível no “mapa”, averiguamos que existiam, em janeiro de 2020, um total de 109 empreendimentos cadastrados na Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro (Cdurp)<sup>10</sup>. Os mesmos estão dispostos conforme o Quadro 1:

### Quadro 1

Números totais de empreendimentos separados por usos, em janeiro de 2020

Residenciais	Comerciais	Institucionais	Hoteleiros	Culturais	Outros
42 <sup>11</sup>	25	9	10	8	15

Fonte: Adaptado do Sítio eletrônico do Porto Maravilha. Disponível em:  
<[https://portomaravilha.com.br/empreendimentos\\_porto](https://portomaravilha.com.br/empreendimentos_porto)>. Acesso em: janeiro de 2020.

Ao analisarmos os dados da Figura 1 e do Quadro 1, podemos tomar ciência da articulação e da fragmentação do espaço portuário carioca propostas e executadas através das novas formas (ou antigas formas refuncionalizadas) e das novas funções, que vêm sistematicamente deixando para trás as funções portuárias e aquelas ligadas à população local. Quando lançamos um olhar mais detalhado sobre os empreendimentos, é possível notar que estes não se referem ao pequeno comércio local como padarias, bares, lanchonetes, pensões dentre

<sup>10</sup>A Cdurp é uma empresa de economia mista, sendo a Prefeitura a maior acionista, e é responsável pelo intermédio entre a Prefeitura e a Concessionária Porto Novo.

<sup>11</sup> Cabe ressaltar o seguinte: a esmagadora maioria dos empreendimentos residenciais estão relacionados apenas a reformas e ligados à Secretaria Municipal de Habitação. Com efeito, foi somente no ano de 2021 que o primeiro empreendimento residencial foi lançado (ainda não construído) e teve unidades vendidas. Maiores informações em: O GLOBO. <<https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/o-novo-residencial-da-zona-portuaria-vende-360-unidades-em-quatros-dias.html>>. Acesso em: 24 de junho de 2021.

outros, mas sim a grandes torres corporativas com previsão de abrigar boutiques, restaurantes, lojas de alto padrão etc em seus térreos. A retratada dinâmica ganha maior sustentação quando observamos que empresas como Odebrecht S/A, L'oréal, Opportunity Fundo de Investimento Imobiliário, Tishman Speyer Participações Ltda, Autonomy GTIS, B2W -Companhia Global de Varejo estão chegando ao local.

Para mais, salienta-se as instalações dos Armazéns 1, 2, 3 e 4 que estão sob administração da empresa Pier Mauá. Ao acessar o sítio eletrônico do empreendimento, é possível fazer um “tour” pelos espaços disponíveis para locação de eventos. Por lá, encontramos empresas (como o Youtube) que atuam no mesmo espaço destinado para eventos, como shows (incluindo apresentação de blocos de carnaval), festivais, eventos esportivos, feiras, exposições, peças teatrais e musicais. O mencionado sítio eletrônico ainda conta com uma descrição sobre o espaço. Apontando a secularidade e o tombamento realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a empresa Pier Mauá alega que as instalações recebem “as melhores opções culturais e de entretenimento da cidade, além de atrair empresas que buscam conveniência nos negócios e a locação perfeita para suas realizações”.<sup>12</sup> Indo além, o que mais nos chamou a atenção é o que se diz na descrição: “um evento que acontece no Pier Mauá é imediatamente associado à nova imagem de um Rio de Janeiro de sucesso, que começa a redescobrir o seu centro urbano.”

Como veremos, soma-se a isto a brusca elevação do preço médio do metro quadrado na área ao longo dos últimos anos e a baixa renda média mensal dos moradores. Assim, nos questionamos para quem e como a OUC Porto Maravilha está sendo pensada e executada. Para exemplificar o que estamos apontando, buscamos a análise do preço médio do metro quadrado no local para venda em quatro momentos distintos, são eles: 2002, 2012, 2016 e 2020. Para os dois primeiros anos (2002 e 2012), utilizamos uma reportagem publicada no jornal O Globo, em 01 de junho de 2012<sup>13</sup>. Na matéria, há um estudo elaborado

---

<sup>12</sup>PIER MAUÁ. Disponível em: <<https://www.piermaua.rio/espacos/>> . Acesso em: 31 de julho de 2021.

<sup>13</sup>O GLOBO. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/revitalizacao-da-zona-portuaria-impulsiona-mercado-imobiliario-5090451>>. Acesso em: 30 de junho de 2021.

pela imobiliária Sérgio Castro Imóveis em que foi levantado a variação do preço do metro quadrado na área, nos anos mencionados. Para o ano de 2016, a base de dados utilizada foi consultada em Pereira do Nascimento (2017). O geógrafo realizou entrevistas com corretoras de imóveis para traçar o preço médio do metro quadrado na área. Na impossibilidade de dados oriundos do Poder Público, também nos valem de entrevistas com agentes imobiliários da área para a obtenção dos dados relativos ao ano de 2020.

No acumulado, mesmo com a crise que se arrasta no país desde 2014, vemos um expressivo aumento do preço da terra nos bairros analisados. Em 2002, os prédios antigos na Saúde tinham como preço médio do metro quadrado cerca de R\$800,00. Em 2012, o preço orbitava em pouco mais de R\$4.000,00. Para o ano de 2016, estes preços sobem para aproximadamente R\$9.000,00. Em 2020, obtivemos, através de entrevistas com atores sociais que atuam no setor imobiliário local, o preço de cerca de R\$12.000,00. Seguindo a tendência de aumento, observamos que para os prédios novos na Saúde os preços saíram de R\$ 3.500,00 em 2002 para R\$ 13.000,00 (em 2012), caíram para R\$ 12.000,00 em 2016 e voltaram a subir em 2020, chegando a cerca de R\$ 16.000,00. Nos dois primeiros momentos de análise no bairro em questão (2002 e 2012), é possível perceber aumentos que variam entre incríveis 300% a 500%.

Quando utilizamos a calculadora deflacionária do Banco Central<sup>14</sup>, observamos que o índice de inflação entre junho de 2002 e junho de 2012 (mês da reportagem) foi de aproximadamente 2,21, com valor percentual correspondente girando próximo de 121,67%. Dessa maneira, é possível constatar que os aumentos no preço do metro quadrado no(s) bairro(s) no período em questão foram acima da inflação da época. Na Saúde, por exemplo, houve aumento de mais de 170% acima da inflação. Por seus turnos, como veremos abaixo, na Gamboa e no Santo Cristo, os aumentos reais no preço do metro quadrado chegaram a mais de 125%. Em nossa contribuição, a partir dos

---

<sup>14</sup>BANCO CENTRAL. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADA0/publico/corrigirPorIndice.do?method=corrigirPorIndice>>. Acesso em: 03 de agosto de 2021.



resultados da pesquisa, acreditamos que tais aumentos possuem direta ligação com a OUC, lançada no ano de 2009.

Como mencionado, para a Gamboa, a situação se dá de forma semelhante. Em 2002, o preço médio do metro quadrado dos prédios antigos estava próximo dos R\$500,00. Já em 2012, o preço é alçado para cerca de R\$1.700,00. Contudo, em 2016, houve um gigantesco salto e o preço médio esteve em R\$9.000,00. Em 2020, esse preço chegou a cerca de R\$12.000,00. Para os prédios novos na Gamboa, temos o seguinte panorama: segundo entrevista realizada em 2020 com o então gerente de vendas da Imobiliária Sergio Castro Imóveis, em 2002, não havia interesse do mercado imobiliário na área e por isso não existia prédios novos. Já em 2012, o preço médio estava em cerca de R\$8.000,00 e em 2016, cerca de R\$12.000,00. Em relação ao ano de 2020, o preço médio foi de R\$16.000,00.

Não obstante, a situação do Santo Cristo segue as mesmas linhas descritas para Saúde e Gamboa. Para os prédios antigos, o preço médio de 2002 estava em cerca de R\$500,00. Em 2012, esse preço chega a aproximadamente R\$2.000,00 e em 2016, a R\$9.000,00. Em 2020, o preço médio dos prédios antigos ficou em cerca de R\$12.000,00. No que tange os prédios novos no bairro, temos os seguintes dados: em 2002, o mercado imobiliário da área não apresentava atividade e não houve construção de novos prédios. Em 2012, o preço médio estava em aproximadamente R\$10.000,00. Em 2016, em cerca de R\$12.000,00 e em 2020, próximo dos R\$16.000,00.

Conforme apontado no Quadro 2, contrastando com os preços do metro quadrado, a renda mensal *per capita* da população local encontrava-se baixa durante o momento dos últimos dados disponíveis<sup>15</sup>.

### Quadro 2

Renda média mensal per capita nos bairros estudados, em 2010

	Saúde	Gamboa	Santo Cristo

<sup>15</sup> Com enormes prejuízos ao artigo, o projeto do (anterior) Governo Federal, do ex-Presidente Jair Messias Bolsonaro, de apagão de dados sobre o território nacional fez com que não haja dados mais atualizados do que os do Censo 2010.

Renda média mensal <i>per capita</i> população total	R\$681 <sup>16</sup>	R\$468	R\$551
Renda média mensal <i>per capita</i> favelas	x <sup>17</sup>	R\$301	R\$308

Fonte: IBGE, 2010.

Tendo em vista o exposto acima, salienta-se que a fronteira urbana tem em seu âmago questões geográficas, o que por conseguinte envolve questões políticas e econômicas. Nesse sentido, a fronteira está diretamente ligada a uma fronteira de acumulação. Assim, vemos suas implicações em diferentes escalas, que não só a local. A articulação realizada pelo capital para expandir suas fronteiras de lucro através da fronteira urbana não envolve, via de regra, a expansão geográfica absoluta, mas sim a movimentação geográfica do capital nos circuitos econômicos. Dessa maneira, o desenvolvimento desigual posto em prática pelas reestruturações abre o caminho necessário para a formação das novas fronteiras, como é o caso carioca.

Isto posto, Smith (1996) argumenta que a fronteira urbana é uma estratégia política e geográfica de reconquista econômica de determinadas áreas do centro das cidades por parte dos agentes empresariais. Portanto, o autor aponta que “a fronteira urbana é, antes de mais nada, uma fronteira no sentido econômico” (SMITH, 2007, p.18). Entretanto, o geógrafo ressalta que, do ponto de vista da população local, a fronteira torna-se muito mais política do que econômica. Esta assertiva é feita visto que os moradores são constantemente ameaçados de despejo pelo avanço da fronteira da lucratividade, situação também observada para o Porto do Rio de Janeiro.

### **O carnaval de rua da Zona Portuária do Rio de Janeiro em meio ao contexto da nova fronteira urbana de acumulação**

<sup>16</sup> O salário mínimo em 2010 encontrava-se em R\$510,00.

<sup>17</sup> Não há favela.



De 2010 até 2018, o carnaval da cidade do Rio de Janeiro movimentou mais de R\$15 bilhões na economia carioca.<sup>18</sup> No último carnaval de rua oficial, em 2020, a cidade movimentou cerca de R\$4 bilhões, 8% a mais que no ano anterior, e houve um aumento de mais de 31% no número de turistas, também em relação ao ano anterior.<sup>19</sup> Segundo a Riotur<sup>20</sup>, foram mais de 2,1 milhões de turistas, mais de 10 milhões de pessoas circulando na cidade, ocupação de quase 100% da rede hoteleira e o maior número de navios internacionais atracando no Píer Mauá nos últimos 20 anos.

Mesmo com toda essa movimentação financeira, inclusive, muito benéfica para a cidade, é crucial ressaltar que, antes de qualquer coisa, o carnaval é uma manifestação lúdica, poética, artística, musical, corpórea... ou seja, cultural! O historiador e escritor Luiz Antonio Simas (2020) afirma que pensar estes pontos é mais importante do que pensar o carnaval restritamente pela economia, pois, embora haja uma importante economia do carnaval (ou o que chama de economia criativa, economia da cultura), o carnaval só continuará tendo a potência que tem, inclusive para a economia, se o reconhecermos primordialmente enquanto uma experiência possível de construir novas relações da vida cotidiana. Em outras palavras, perder a sua essência cultural seria perder tudo, inclusive a questão econômica.

Paralelamente a isso, naquilo que a transformação do Porto Carioca em uma fronteira de acumulação do grande capital toca ao carnaval de rua, de 2012 até 2016 (ano das Olimpíadas do Rio de Janeiro), a Abertura Oficial do Carnaval de Rua foi realizada na Zona Portuária. Rita Fernandes, jornalista, escritora,

---

<sup>18</sup>O GLOBO. Disponível em:  
<<https://blogs.oglobo.globo.com/na-base-dos-dados/post/carnaval-movimentou-r-152-bilhoes-na-economia-do-rio-de-janeiro-desde-2010.html>> Acesso em 18 de setembro de 2021.

<sup>19</sup>G1. Disponível em:  
<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/03/02/rio-registrou-aumento-de-31percent-no-numero-de-turistas-durante-o-carnaval.ghtml>>. Acesso em: 29 de outubro de 2021.

<sup>20</sup>PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Disponível em:  
<<https://prefeitura.rio/rio-acontece/melhor-carnaval-de-todos-os-tempos-no-rio-mais-de-10-milhoes-de-folhoes-e-alto-indice-de-aprovacao-por-turistas/>>. Acesso em: 29 de outubro de 2021.

pesquisadora do carnaval de rua e presidenta da Sebastiana<sup>21</sup>, menciona em reportagem do jornal O Globo de 23 de fevereiro de 2020<sup>22</sup> um destaque à “redescoberta da região portuária” para o carnaval de rua. O texto segue dizendo como após as obras de reestruturação, muitos pontos da Zona Portuária “se transformaram em palcos perfeitos para cortejos”. No conteúdo, é apontado como diversos blocos de fora da Zona Portuária buscaram a área para realizar seus desfiles. Na Figura 2, retirada de um grupo de *Whatsapp* sobre a localização em tempo real dos blocos, em uma brincadeira com o clássico desenho infantil Caverna do Dragão (em que os personagens entram em um mundo mágico e nunca conseguem sair dele), é possível ter uma noção da atração exercida pela Zona Portuária no carnaval de 2020.

### **Figura 2**

Print retirado de um grupo de *Whatsapp* criado por músicos e foliões para compartilhar a localização dos blocos em tempo real.

---

<sup>21</sup> A Sebastiana é a Associação Independente dos Blocos de Carnaval de Rua da Zona Sul, Santa Teresa e Centro do Rio.

<sup>22</sup>O GLOBO. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/fim-do-misterio-confira-mapa-secreto-dos-blocos-para-folhoes-anteados-1-24267334>>. Acesso em: 02 de agosto de 2020.



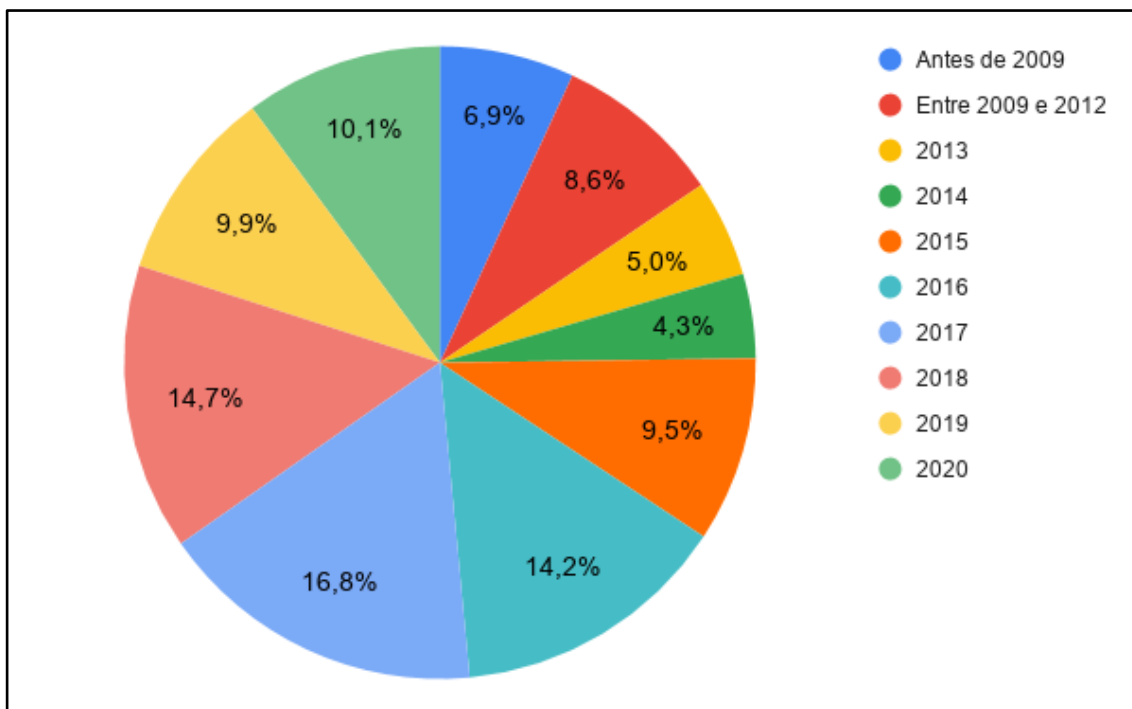
Fonte: *Whatsapp*.

Uma outra reportagem do jornal O Globo, de 16 de janeiro de 2016<sup>23</sup>, relata como o evento da Abertura Oficial do Carnaval atraiu uma grande quantidade de foliões que participaram pela primeira vez da folia na Zona Portuária, demonstrando a força da atração exercida pelas novas espacialidades do Porto. Segundo os dados expostos no Gráfico 1, o percentual de pessoas entrevistadas e o ano que frequentaram o carnaval de rua na área pela primeira vez são:

<sup>23</sup> O GLOBO. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2016/carnaval-de-rua-aberto-oficialmente-na-zona-portuaria-do-rio-18491807>>. Acesso em: 06 de agosto de 2020.

**Gráfico 1**

Anos em que os foliões entrevistados foram a um bloco na Zona Portuária pela primeira vez.



Fonte: trabalhos de campo no carnaval de 2020.

É sintomático notar que a maior parte destes foliões frequentou algum bloco na Zona Portuária em um passado recente. Os cinco primeiros anos com a maior porcentagem de foliões que frequentaram blocos na área pela primeira vez encontram-se de 2016 (ano das Olimpíadas no Rio de Janeiro) até o último carnaval de rua oficial (2020). Nesse contexto, outro ponto importante a se destacar é que a média de idade dos entrevistados ficou em quase 30 anos.

Por seu turno, Rosiete Marinho, presidenta da Liga de Blocos e Bandas da Zona Portuária, ressalta, em entrevista ao jornal O Globo<sup>24</sup>, os “prós e contras” acerca da atração de blocos e foliões de fora da Zona Portuária para a área. Segundo Marinho, há uma preocupação com a quantidade de pessoas que passaram a frequentar o local e com os possíveis problemas que isso pode

<sup>24</sup> Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/fim-do-misterio-confira-mapa-secreto-dos-blocos-para-foliões-anteados-1-24267334>>. Último Acesso em: 02 de agosto de 2020.

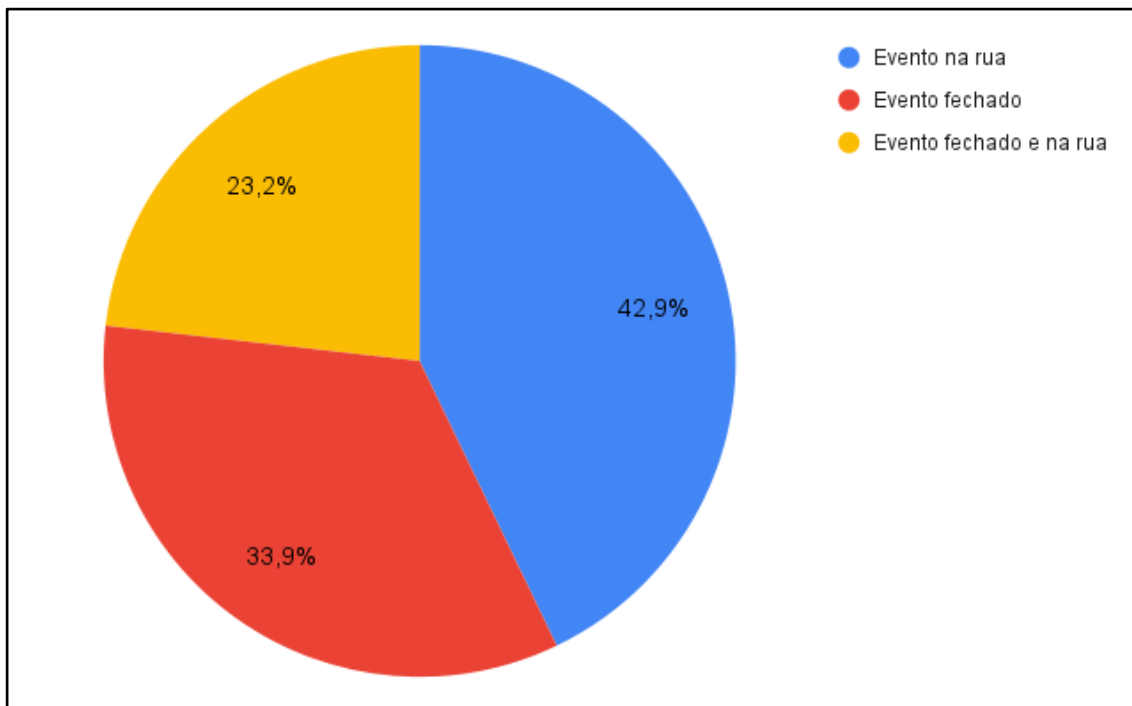
acarretar. Contudo, a presidenta da Liga enxerga uma possível valorização dos pontos históricos da área a partir deste fenômeno. A seguir, é possível ter uma noção da quantidade de blocos não oriundos da Zona Portuária que buscaram o local para a realização de seus eventos. No total, contabilizamos 48 blocos<sup>25</sup> de fora do Porto que fizeram alguma atividade, evento em espaço público ou privado, na Zona Portuária durante o carnaval de 2020. Naquilo que está relacionado aos número de eventos em locais fechados e/ou na rua, temos, apresentados no Gráfico 2, os seguintes dados:

### **Gráfico 2**

Porcentagem de eventos na rua e/ou fechados realizados por blocos de fora da Zona Portuária no carnaval de 2020

---

<sup>25</sup> Conforme metodologia exposta na Introdução.



Fonte: trabalhos de campo no carnaval de 2020.

Em relação à distribuição geográfica dos blocos, temos os números a seguir: Saúde (17 blocos); Gamboa (11 blocos); Santo Cristo (13 blocos); Santo Cristo e Saúde (4 blocos); Santo Cristo e Gamboa (1 bloco); Saúde e Gamboa (1 bloco) e os três bairros (2 blocos). Nota-se o predomínio de blocos na área da Saúde, bairro onde, não coincidentemente, o preço do metro quadrado é o mais caro e a reestruturação está mais “avançada”.

Há que se destacar que, ao longo da pesquisa, notamos uma questão crucial à compreensão de nosso tema: a maior parte dos blocos originários da Zona Portuária possuem características distintas da maior parte dos blocos que passaram a chegar na área após a “redescoberta” do local por parte do carnaval de rua. Nos blocos que estão chegando, observamos a predominância de blocos temáticos<sup>26</sup>, (neo)fanfarras, blocos abertos (em que qualquer pessoa com um

<sup>26</sup> Em um movimento mais recente, por volta de meados da primeira década do século XXI, começou a surgir uma série de blocos temáticos nas ruas do Rio de Janeiro (principalmente na área central). Os blocos temáticos são aqueles que elegem um ritmo, ou uma banda, ou até mesmo um cantor ou cantora para basear todo o seu repertório musical e artístico. Por exemplo, há blocos em homenagem aos cantores Gilberto Gil, Tim Maia, Caetano Veloso, Beyoncé, ou ainda, aqueles que só tocam funk, pagode, MPB etc.

instrumento pode chegar e tocar), blocos com estilos musicais variados, com mistura de músicos amadores, semiamadores e até mesmo profissionais, blocos com temática ativista explícita, blocos que não demandam grande (às vezes, nenhuma) estrutura para desfilarem e grande número de foliões jovens da classe média. Segundo Herschmann (2013, 2014), esses blocos estão ligados ao “novo” *boom* no carnaval de rua da cidade, principalmente da área central, que tem início em meados da primeira década do século XXI e está diretamente ligado à classe média. Nas palavras de Herschmann (2013):

É importante destacar que este crescimento do Carnaval de rua carioca continua ser resultado de um engajamento de foliões de classe média (inclusive nota-se que a média de idade dos envolvidos na festa vem caindo nas últimas décadas significativamente): a sensação que se tem ao assistir a festa é que esses cortejos de rua estão se convertendo, cada vez, mais em uma forma de entretenimento “juvenil”. (...) E, a “segunda onda”, que começou na segunda metade da década inicial do século 21, que veio se somar ao movimento sociocultural existente, e que colocaram no epicentro os blocos temáticos, os blocos das fanfarras, os cortejos de rua que incorporam outros ritmos (e outros gêneros musicais atípicos do mundo do samba) e, ainda, os blocos que estão ligados à trajetória de músicos profissionais. (HERSCHMANN, 2013, p. 276. Aspas no original.)

Para os blocos do Porto, constatamos uma maior homogeneidade. Observamos maior proximidade com as características dos chamados blocos de embalo (também conhecidos como blocos de empolgação). À exceção das competições entre os blocos, percebemos muitas semelhanças, pois os blocos de embalo são criados nos próprios bairros (mais populares) onde desfilam (FERNANDES, 2019), com camisetas padronizadas (FERREIRA, 2016), carros de som, sambas enredo próprios do bloco (que, por muitas vezes, são escolhidos anualmente em disputas), “rainha de bateria”, demandam de certa infraestrutura para realizar os eventos, com um número considerável de moradores do bairro de origem participando da folia etc.

Além disso, outro ponto pertinente é que a renda difere consideravelmente quando pensamos na população dos bairros analisados no estudo e aqueles com maior número de foliões entrevistados. Dentre os quase 98% de foliões que disseram não residir no Porto, os cinco primeiros bairros com maior número de pessoas foram: 1- Tijuca; 2- Botafogo; 3- Copacabana; 4- Glória; 5- Laranjeiras.

O Quadro 3 possui uma comparação entre a renda média mensal dos cinco bairros citados e as dos bairros aqui estudados. Para esta análise, utilizamos os dados do último Censo.

### Quadro 3

Renda média mensal per capita em 2010 nos bairros estudados e nos cinco primeiros bairros com maior número de entrevistados no carnaval de 2020.

	Tijuca	Botafogo	Copacabana	Glória	Laranjeiras	Saúde	Gamboa	Santo Cristo
Renda média mensal <i>per capita</i> (população total)	R\$ 2.314	R\$ 3.014	R\$ 3.032	R\$ 2.223	R\$ 3.250	R\$ 681	R\$ 468	R\$ 551
Renda média mensal <i>per capita</i> (área de favela)	R\$ 369	R\$ 459	R\$ 489	x	R\$ 493	x	R\$ 301	R\$ 308

Fonte: IBGE, 2010.

Uma maior homogeneidade fica à cargo da renda média mensal *per capita* nas favelas em todos os bairros, mas mesmo nesses espaços, as rendas nos bairros estudados ficam abaixo. É ainda possível observar que as rendas das favelas em dois bairros dos cinco primeiros em foliões no carnaval de 2020 ficam acima da renda da população total no bairro da Gamboa, por exemplo. Dessa maneira, é possível notar, com os dados do último Censo, a grande disparidade entre a renda média mensal *per capita* da população total nos cinco primeiros bairros com mais foliões em 2020 e a mesma renda nos bairros estudados. Assim, acreditamos que seja possível perceber a diferença de classes entre os frequentadores que estão chegando ao Porto na esteira da OUC Porto Maravilha e os moradores da área.

### Considerações finais



À guisa de conclusão, podemos inferir como o Poder Público abordou a OUC dentro dos Planos Estratégicos da cidade. A análise dos Documentos jogou luz em como o Porto Maravilha foi pensado e vem sendo executado a partir do modelo de planejamento urbano que enxerga o espaço urbano como mais um dos vários produtos postos à venda. Nesse sentido, o Poder Público expôs a sua intenção de atrair novas empresas e frequentadores para a área. Tal objetivo vem sendo alcançado vide o porte dos 109 empreendimentos cadastrados junto à Cdurp, em janeiro de 2020. O exame dos empreendimentos aponta para uma fragmentação do espaço da área, pois as empresas destoam das características dos negócios locais, geralmente, pequenos estabelecimentos.

Paralelamente a isto, ocorreu o aumento exponencial do preço médio do metro quadrado do local, chegando a períodos com até 500% de aumento, como mencionado pela reportagem do jornal O Globo. Contudo, esta situação vai de encontro com a renda média local que caracteriza-se como majoritariamente de baixa renda. No âmago desta conjuntura, as práticas culturais locais, mais especificamente o carnaval de rua, sofreram impactos. A folia momesca passou a receber foliões e blocos de classe média que passaram a buscar a área na esteira da metamorfose do espaço acarretada pela OUC Porto Maravilha.

Com o exposto, é possível depreender que a Zona Portuária Carioca se configurou nos últimos anos como uma nova fronteira urbana de acumulação do grande capital, o que traz consigo, dentre diversos outros fatores, a chegada de frequentadores de classe média. Esta dinâmica altera profundamente a vida dos moradores locais e acaba trazendo prejuízos aos seus cotidianos.

## Referências

DA COSTA CARDOSO, Isabel Cristina. O papel da Operação Urbana Consorciada do Porto do Rio de Janeiro na estruturação do espaço urbano: uma “máquina de crescimento urbano”? **O Social em Questão**, n. 29, p. 69-100, 2013.

FAULHABER, Lucas. AZEVEDO, Lena: **SMH 2016**: remoções no Rio de Janeiro olímpico. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2015. 123 p.

FERNANDES, Rita. **Meu bloco na rua: a retomada do carnaval de rua do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. 207 p.

FERREIRA, Julio Cesar Valente. Os blocos de enredo do carnaval carioca: identidade e organização. **PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**, 2016. p. 62-78.

HARVEY, David. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume, 2005. 252 p.

HERSCHMANN, Micael. Apontamentos sobre o crescimento do carnaval de rua no Rio de Janeiro no século XXI. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 36, n. 2, jul-dez/2013. p. 267-289.

HERSCHMANN, Micael. Ambulantes e prontos para a rua: algumas considerações sobre o crescimento das (neo)fanfarras no Rio de Janeiro. **Logos**, v. 2, n. 24, 2014. p. 1-19.

MASCARENHAS, Gilmar. Cidade mercadoria, cidade-vitrine, cidade turística: a espetacularização do urbano nos megaeventos esportivos **Caderno Virtual de Turismo**, vol. 14, nº. 1, novembro-, 2014, p. 52-65.

MONIÉ, Frédéric; DA SILVA, Vivian Santos. O projeto Porto Maravilha de revitalização da área portuária do Rio de Janeiro entre inovações e retrocessos na produção do espaço urbano. **Revista Transporte y Territorio**, n. 12, 2015. p. 110-126.

PEREIRA DO NASCIMENTO, Bruno. Reestruturação espacial na Zona Portuária do Rio de Janeiro: gentrificação e coesão espacial. 2017. 2010 p. **Dissertação (Mestrado em Geografia)** - Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2017.

RABHA, Nina de Carvalho Elias. Cristalização e resistência no centro do Rio de Janeiro. 1984. 251p. **Dissertação (Mestrado em Geografia)** – Instituto de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1984.

RIO DE JANEIRO. **LEI COMPLEMENTAR. n.º 101**, de 23 de novembro de 2009. Poder Executivo.

RIO DE JANEIRO. **PLANO ESTRATÉGICO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (2009-2012) Pós-2016: o Rio mais integrado e competitivo**. Poder Executivo.

RIO DE JANEIRO. **PLANO ESTRATÉGICO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (2013-2016) Pós-2016: o Rio mais integrado e competitivo**. Poder Executivo.

RIO DE JANEIRO. **PLANO ESTRATÉGICO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (2017-2020) Rio 2020: mais solidário e humano**. Poder Executivo.

SIMAS, Luiz Antonio. Matéria Bruta 7: carnaval e samba. **Canal Curta!** 19 fev. 2020. Podcast. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=f0Yby0gouoQ>>. Acesso em: 30 de outubro de 2021.

SMITH, Neil. **The new urban frontier**: gentrification and the revanchist city. London: Routledge, 1996. 267 p.

SMITH, Neil. Gentrificação, a Fronteira e a Reestruturação do Espaço Urbano. In: GEOUSP (Revista Eletrônica) **Espaço e Tempo**. n. 21, 2007, p. 15-31.

TEIXEIRA, Eduardo Tomazine. A antítese da reforma urbana e sua atualização na operação consorciada Porto Maravilha. 2018. 288 p. **Tese (doutorado em Geografia)** - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, 2018.

VAINER, Carlos. Pátria, empresa e mercadoria. In: **A Cidade do Pensamento Único: Desmanchando Consensos**. 8. ed., Petrópolis, RJ, 2013. 292 p.